



Ars
Mythica

PROJETO ARS HERMETICA

Imãs gêmeas, a Tradição Esotérica do Ocidente e a do Oriente são a progênie da mítica Tradição Ancestral da humanidade, perdida, talvez para sempre, para a noite dos tempos. Cada uma, a seu modo, carrega a tocha em que arde o Fogo Divino e a responsabilidade de despertar a humanidade de seu longo sono: toda linhagem verdadeira se mantém fiel a esse propósito e busca transmitir a chama à nova geração.

Tão profunda quanto sublime, a Tradição sempre manteve abertas suas portas ao buscador sincero, mas muito de seu brilho original se perdeu nesses tempos sombrios, pois apenas um heroico punhado de adeptos se mantém leal ao Mistério, quase afogados num mar de banalidade onde cegos guiam cegos rumo ao precipício.

No começo de sua busca, é comum que o aspirante ao mundo da Magia e do Hermetismo se depare com as várias facetas da tradição de forma fragmentada e desconexa, por vezes sectária e até alucinada. Muitos anos podem se passar até que se encontre algum sentido nesse caos de disciplinas, escolas, linhagens e ordens. Assim, foi pensada uma preparação geral adequada aos novos tempos, perscrutando os vários aspectos da tradição, como astrologia, alquímia, mitologia, etc, de forma transdisciplinar, integrada e assimilando em suas correspondências o néctar da filosofia e da ciência.

Somos um discreto círculo de hermetistas que inclui de físicos e matemáticos a artistas e filósofos. Assim como nossos irmãos de todas as épocas, dedicamo-nos à busca de uma síntese do conhecimento passado que possa conversar com a síntese do conhecimento presente, mantendo acesa a chama da Tradição Original, sempre viva, sempre em uma nova forma. Assim foi feito no passado, e assim o é neste momento. Estamos preparando este projeto há muito tempo e, após mais de quinze anos de pesquisas, compilação e síntese de materiais sobre os diversos ramos do estudo hermético, o ponto de maturação foi atingido.

ASSINE E APOIE-NOS

Receba diretamente os fascículos do Projeto assinando, por qualquer quantia, nossa página no Catarse (catarse.me/arshermetica).

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos nossos incontáveis professores, por vezes não declarados, cujas vidas e obras nos ensinam, transformam e inspiram, e nas quais nos maravilhamos e deleitamos diante do que nos foi, e ainda é, descortinado. Acima de tudo, agradecemos ao Mestre dos Mestres que nos guiou até aqui.

CRÉDITOS

Texto, revisão, editoração,
arte e curadoria: Talles Menegon



"Circe oferecendo a Taça a Odísseu" (1891) - John William Waterhouse

Capítulo VI:

As Quatro Direções

Volição e Percepção

1. Ainda que para a Criança não haja qualquer fronteira séria, para o Adulto há um Eu e há um Não-eu. Mas, se a Muralha é proteção necessária,

o que se quer é uma separação, não um isolamento.

2. Quando a Muralha excede em permeabilidade, a Mente adoece fragmentada pelo Caos, e quando carece nela, padece pela estagnação da Ordem.

3. O Eu precisa estar em constante troca com o Não-Eu e, de fato, apenas prova-se sensciente



"La Belle Dame sans Merci" (1901) - Frank Dicksee

quando é capaz de fazê-lo em coerência, podendo-se até dizer que a sensciência emerge como a coerência da soma dessas interações.

4. À capacidade do Eu de interagir ativamente com o Não-Eu, impondo-lhe seus padrões internos, chamamos Volição. À de interagir passivamente, recebendo dentro de si os padrões do Não-Eu, chamamos Percepção.



5. A Volição é secretamente perceptiva, da mesma forma que a Percepção é secretamente volitiva. Ambos complementam-se na mesma unidade sensciente: assim, não se é capaz de duvidar da sensciência de algo que apresenta volição e percepção.

6. Tanto a Volição quanto a Percepção podem atuar de forma analítica ou sintética.

7. Uma interação sintética é panorâmica, geral e de amplo escopo, onde as partes são esquecidas em prol de uma boa visão do todo, ao passo que a interação analítica é detalhada, específica, e de escopo estreito, onde o todo é esquecido em prol de uma boa visão das partes.

8. À volição analítica, chamamos Razão, ou simplesmente Ar; à volição sintética, Vontade, ou simplesmente Fogo; à percepção analítica, chamamos Sensação, ou simplesmente Terra; à percepção sintética, chamamos Emoção, ou simplesmente Água.

9. Como os fenômenos são justamente as interações entre o Eu e o Não-Eu, podemos dizer que há quatro classes deles compondo a totalidade da experiência, cada classe sendo fabricada por uma respectiva função mental, como quatro subreinos dentro do Reino, ou quatro submentes dentro da Mente.

Função	Ativa	Passiva
Sintética	Vontade	Emoção
Analítica	Razão	Sensação

Tabela 6.1 - As Quatro Funções.



"Gandalf, O Cinzento", detalhe (1989) - John Howe

VONTADE

10. A primeira função é a volição sintética ou simplesmente Vontade, onde a mente afirma sua intuição sobre a realidade estabelecendo objetivos sobre o mundo. Como são abstraídos da síntese da totalidade da experiência, alguns chamam essa faculdade de Intuição.

11. O tipo de fenômeno fabricado por ela são as intenções, veículos instantâneos da vontade que declaram ao Reino alterações a serem feitas, rumo às quais cada habitante contribui conforme seu poder e ofício. Como um decreto real, a intenção é válida para todo o Reino e alcança cada um de seus habitantes, indistintamente.

12. A intenção é a reificação dessa alteração como objetivo, que semeia um mundo dentro do mundo, ao redor do qual a consciência se contrai e habita como herói, vivendo sua história até o fim, seja na derrota pelo Sopro do Dragão, seja na vitória ao casar-se com a Princesa.

13. O Mundo-história nascido da intenção é também chamado Vórtice Mental, e muitos deles podem coexistir na mente, que viverá todas as suas histórias e papéis em sobreposição.

14. Alguns dizem que a intenção é o primeiro movimento de um mundo que nasce, outros, que é



o nascer do mundo o primeiro movimento da intenção, mas, verdadeiramente, intenção e nascimento são uma e a mesma coisa.

15. Como a consciência dissocia e compromete um quinhão de si para habitar um Vórtice, a proliferação deles leva à fragmentação, e sua dissolução leva à reintegração.

16. Todavia, quando um Vórtice se dissolve sem alcançar a paz, irá gerar uma nova intenção e um novo mundo para reencarnar, transformando o último suspiro em sopro de vida.

17. As intenções são os fenômenos mais rápidos e fugazes, cuja apreciação é virtualmente impossível àquele que não se concentrou em justa medida e, enquanto a intenção não for percebida como fenômeno, a mente irá tomá-lo pelo Seu Verdadeiro e fabricará o pensamento: "Essas são minhas intenções, eu sou Vontade".

18. Quando de fato vista como fenômeno, a intenção mostra ser o que sempre foi: intuição.

19. A matéria prima para a fabricação das intenções particulares é o que chamamos de Energia, Poder, ou Vontade Pura. Para fabricar uma intenção a mente utiliza parte de seu Poder, que nela se aprisiona enquanto a intenção estiver sendo sustentada no Vórtice e, no instante em que cessar de fazê-lo, a intenção se dissolve e é de volta recolhida em Poder.

20. Assim, quanto maior a fabricação de intenções, menor é o Poder, e quanto mais a mente renuncia em ela própria fabricá-las, maior ele é.

21. Quando a Vontade se integra completamente, a Mente experiencia seu verdadeiro poder, pois toda a energia antes comprometida em sustentar intenções particulares torna-se plenamente disponível no momento presente.

22. Poder é a Vontade pura disponível no agora, para o que quer se esteja fazendo.

23. Quando a intuição-intenção é conceitualizada, gera um Axioma ou Dogma, ou seja, aquilo que a mente não discute e simplesmente afirma sobre a realidade. Não é passível de dúvida justamente porque não se é capaz de duvidar, uma vez que sintetiza o que é diretamente experienciado.

24. É impossível verdadeiramente acolher um dogma externo, pois sem uma experiência direta para sustentá-lo, é mero constructo conceitual. Na ortodoxia, o crente finge até para si mesmo que acredita porque sente que seria errado não fazê-lo.

25. Quando os Axiomas ou Dogmas são compartilhados em comunidade e tomam-se

consensuais, geram a Religião.

EMOÇÃO

26. A segunda função é a percepção sintética ou simplesmente Emoção, onde a mente reage à experiência a partir de cada um de seus habitantes, cujas respostas são sobrepostas em síntese, ainda que não necessariamente coerente.

27. Toda emoção é contingente a um Mundo-História, e é apenas a partir desse referencial que uma emoção pode se originar, pois sua essência é regular o progresso da Jornada.

28. Quando a mente julga insucesso e desvio nos passos do Herói, fabrica emoções propositalmente desagradáveis, às quais damos o nome genérico de negatividade. Julgando sucesso, ainda que parcial, e alinhamento nos passos do Herói ao seu objetivo, fabrica emoções agradáveis, chamadas positividade.

29. Além de negativas ou positivas, as emoções também podem ser estimulantes, como a raiva e a alegria, ou sedativas, como a depressão e o prazer.

30. Se um fenômeno não é identificado como auxílio nem como obstáculo à progressão na Jornada, a mente simplesmente julga-lhe irrelevante e o relega ao esquecimento na periferia da inconsciência.



"Gather Ye Rosebuds While Ye May" (1908) - John William Waterhouse

31. Tal como o ímã atrai o ferro por virtude do magnetismo que lhe é inerente, a emoção é imbuída com a qualidade natural de seduzir a consciência para seu Mundo-história.

32. Assim atraída pela emoção, a consciência encanta-se e se contrai ao redor do Mundo-história, esquecendo sua infinitude para poder envolver-se com a experiência. Reificando a intenção, cria o referencial que é um Mundo-história e, reificando a emoção, precipita-se nele.

33. Como a reificação da emoção é contingente à reificação de seu Mundo-história, basta retirar-se dele para a emoção ser instantaneamente nãilificada. A mente recolhe-se de um Vórtice pela simples forma de olhar para ele, desidentificando-se do Personagem que ali habita como veículo de experiência e no qual ela se projeta.

34. Todas as emoções são diferenciações de uma emoção primária chamada *pathos*, ou sofrimento. Ainda que receba tal nome, não se trata simplesmente de sofrimento, mas do paradoxo entre ele e o Amor.

35. Pathos é a matéria-prima emocional, a meta-emoção que, em sua forma pura tem o presente como morada, em completa transparência e desprovida de qualquer qualidade.

36. Ausentando-se do momento presente, contudo, assume qualidades e formas, tornando-se propriamente uma emoção. De fato, é justamente ao assumir essas qualidades e formas que ela deixa o momento presente e passa a habitar o Tempo.

37. Essa emoção bruta é conceitualizada e transformada em narrativa, assumindo a forma de um sentimento; quando os sentimentos são bem digeridos e sintetizados, revelam uma impressão sobre a realidade.

38. Assim como a água, as emoções podem fluir com suavidade se bem resolvidas em síntese coerente, ou violentamente, com a turbulência de carregar o conflito de muitos Vórtices não dissolvidos.

39. Como a emoção é uma reação ao que é experienciado, o tipo de informação que ela gera são as Impressões que, quando compartilhadas em comunidade, chamamos Arte.

40. Quando a submente emocional se integra com as outras funções, a mente experiencia Fé, pois as emoções perdem a capacidade de aprisionar a mente no devaneio de suas histórias.

41. A verdadeira natureza da Fé não pode ser meramente descrita, apenas sentida. Contudo, podemos dizer que envolve deixar-se penetrar pela

realidade numa aceitação plena de todas as coisas, sem desejar que fossem qualquer outra coisa além do que precisamente são; envolve um senso de gratidão pelo momento presente e pela vasta cadeia de causas e condições que convergiu para esse instante de realidade; também, uma confiança no Mistério e uma entrega completa e irrestrita ao momento presente.

Razão

42. A terceira função é a volição analítica ou simplesmente Razão, onde a mente opera abstrações sobre o mundo para resumir e discriminar o relevante na torrente imensurável de informação empírica que lhe chega pela Sensação.

43. Abstrações são tecidas para modelar uma versão simplificada da realidade, excluir o ruído e discernir o padrão e as simetrias predominantes em cada coisa que, uma vez identificadas, tiram a coisa do campo do imprevisível e fazem-na saltar ao compreensível.

44. Que não se crie, contudo, a ilusão de que se conhece algo, pois o pensamento da coisa não é a própria coisa, cuja totalidade permanece firmemente enraizada no Mistério.

45. Em um pensamento as coisas são aliviadas de sua densidade material e existem como conceitos,



"A Luta: São Jorge mata o Dragão" (1866) - Edward Burne-Jones



"Os Cavaleiros da Távola Redonda." (séc. XV) - desconhecido

leves como o ar, e a forma como interação é aquilo que chamamos linguagem: um jogo ou dialética com regras ditas e não ditas, cuja virtude é a Justiça.

46. Os conceitos e a linguagem que os processa são uma versão abstrata das coisas, e o mundo em que eles existem, desdobram-se e habitam, é um tipo de vórtice chamado pensamento, precisamente o tipo de fenômeno fabricado pela Razão.

47. Um pensamento nunca emerge por si próprio, e aquele que bem se concentrou pode constatar que todo pensamento é invariavelmente precedido por uma intenção que lhe semeia o vórtice.

48. A finalidade do pensamento é destruir a si mesmo, tendo sua dialética interna encaminhando as coisas para uma conclusão, que é o fruto do pensamento.

49. Quando um pensamento encerra seu ciclo de existência sem chegar a uma conclusão satisfatória para sua dialética, ele irá semear novos pensamentos, em um processo que pode divergir em uma reação em cadeia de escalada neurótica à qual chamamos proliferação mental.

50. Como cada vórtice de pensamento compromete parte considerável da energia disponível na mente, a proliferação esgota-lhe rapidamente os recursos, abrindo um vácuo de poder que convida os instintos ao golpe de estado na mente.

51. Em contrapartida, cada pensamento que se encerra liberta a energia nele aprisionada. Assim, quando a submente racional integra-se às outras, a Mente experimenta Sabedoria.

52. Quando os pensamentos sobre as coisas coalescem em uma síntese coerente, emergem

teorias sobre elas e, quando essas teorias são compartilhadas no consenso de uma comunidade, fazem nascer aquilo que chamamos de Filosofia.

Sensação

53. A quarta função é a percepção analítica ou simplesmente Sensação, onde a mente se abre para experimentar o ambiente circundante.

54. Ainda que à primeira vista pareça uma função inteiramente passiva, a Sensação é um perscrutar ativo, baseado na expectativa de percepção gerada a priori pela própria mente, a partir das histórias que ela conta para si.

55. Assim, a partir das histórias a mente constrói um paradigma e, a partir do paradigma, constrói um mundo. O mundo é uma percepção da realidade, imaginada, ou alucinada, pela mente.

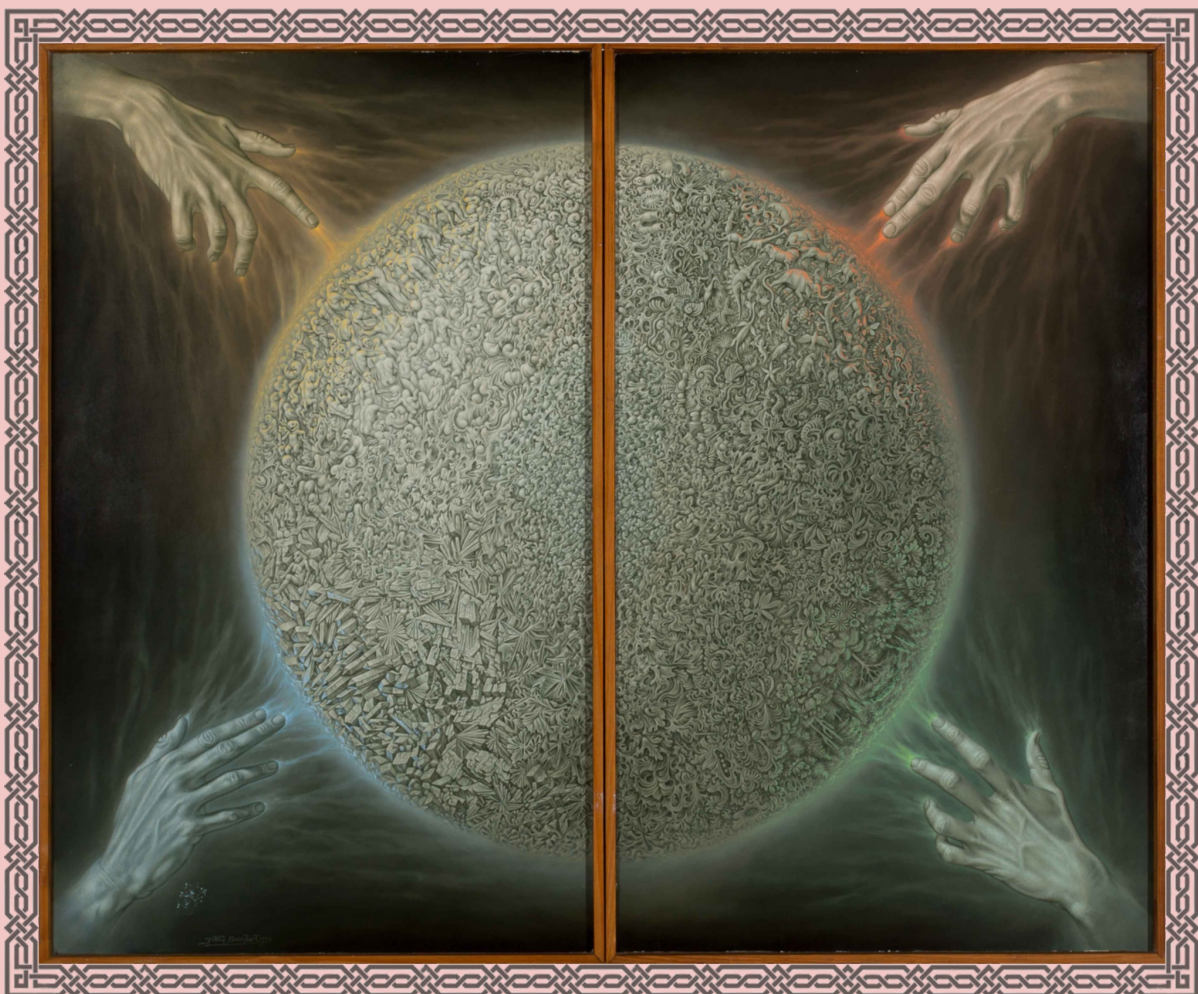
Histórias → Expectativa Perceptiva → Sensação

56. O tipo de fenômeno fabricado por ela são as sensações: a experiência sensorial relativa aos cinco sentidos ordinários. Assim, as sensações podem ser visuais, auditivas, olfativas, táteis, gustativas ou qualquer combinação entre elas.

57. Quando a sensação bruta é conceitualizada e transformada em narrativa, assume a forma de um



"The Men of the North" - Ugo Pinson



"Unio Mystica" (1973) - Jolifra Bosschart

Fato; quando os fatos são bem organizados e comparados, revelam simetrias e padrões ocultos na forma de conhecimento empírico que, tomado consensual, chama-se Ciência.

Sensação → Conhecimento Empírico → Ciência

58. Quando a submente sensorial integra-se às outras funções, a Mente experimenta Concentração, pois as sensações perdem a capacidade de distraí-la do momento presente.

CONSCIÊNCIA

59. A quinta função é a metafunção que une todas as outras, como o centro de uma cruz com seus quatro braços simétricos.

60. Mas, assim como o cruzamento dos braços não é em si um braço, a consciência é uma não-função, que origina, media, integra e sustenta as quatro extensões de si mesma como Vontade, Emoção,

Função	Fenômeno	Informação	Conhecimento	Integração
Vontade	Intenções	Vontade	Religião	Energia
Emoção	Emoções	Emoção	Arte	Fé
Razão	Pensamentos	Razão	Filosofia	Sabedoria
Sensação	Sensações	Sensação	Ciência	Concentração
Consciência	Símbolos	Histórias	Mitologia	Presença

Tabela 6.2 - As Cinco Funções



Razão e Sensação.

61. Por isso, diz-se que ela é a única realidade, fonte de toda existência, origem e fim dos fenômenos, criando e destruindo todas as coisas pela simples forma como decide olhá-las.

62. De fato, é justamente identificando-se com uma coisa que a consciência concede-lhe existência, olhando-a como cheia, no processo que denominamos reificação.

63. Enquanto reifica uma coisa, a consciência habita nela, e ela é real. Não tomando-se real em algum instante de tempo, pois o próprio tempo é contingente à reificação, mas tendo-o sido real desde sempre.

64. Em contrapartida, recolhe a existência da coisa ao desidentificar-se com ela, olhando-a como vazia, no processo que chamamos nilificação.

65. Afirmando “Eu Sou minhas Intenções”, a consciência identifica-se com elas e as reifica, e similantemente faz com emoções, pensamentos e sensações.

66. A cada reificação, porém, fragmenta-se e cresce em confusão e sofrimento. Quanto maior a identificação com os fenômenos, mais a mente é puxada para a Ilusão e, quanto menor, mais eleva-se para a Verdade.

67. À reificação descontrolada, e à fragmentação subsequente desencadeada, chamamos proliferação.

68. Quando a consciência consegue desidentificar-se de todos os fenômenos e funções, reconhece a si mesma em unidade perfeita e afirma apenas: “Eu Sou”.

69. Quando até mesmo isso deixa de afirmar, contempla sua própria natureza não-dual e recolhe-se na profundidade infinita do Silêncio.

70. Assim, o mistério do Verdadeiro Eu é o Não-Eu, tanto quanto o mistério do Não-Eu é o Verdadeiro Eu.

71. A única propriedade da consciência é a capacidade de ocultar sua verdadeira natureza para precipitar-se na Ilusão, e revelá-la para ascender à Verdade.

72. Descendo, sofre e deseja retomar. Retomando, rejubila-se e deseja criar.

73. Ironicamente, olhar para a Ilusão e a Verdade como se fossem coisas separadas é a verdadeira Ilusão, pois a consciência e a Esfera de Realidade nunca mudam em coisa alguma.



"Azoth dos Filósofos" (1659) - Basílio Valentim

QUINTÆSSENTIA

74. Consciência é apenas uma das facetas daquilo que muitos chamam Mana, Poder ou Quintessência: nada menos que a matéria-prima da realidade, a existência positiva pura emanada pela Fonte que engendra, por diferenciação, todas as outras modalidades ontológicas.

75. Ela é a única coisa que verdadeiramente existe justamente porque é a própria Existência.

76. Ainda que sua natureza esteja além da apreensão pela mente, é didático imaginá-la como uma luz líquida viva, mais brilhante que mil sóis e de um branco fulgurante como o magnésio em chama, infinitamente densa e ao mesmo tempo infinitamente leve e sutil. Uma única gota sua é capaz de formar oceanos de mundos.

77. Se os quatro elementos são os blocos básicos de construção da realidade, é a Quintessência que os origina, sustenta, integra e transcende. Confere-lhes existência positiva e às coisas feitas a partir deles e suas misturas, as quais desapareceriam sem esse suporte metafísico.

78. A Quintessência é, sempre foi e nunca deixará de ser, uma: está ao redor e dentro de todas as coisas, permeando-as por completo e as unindo secretamente, pois ela própria não pode ser verdadeiramente dividida.

79. Testemunho eterno da unidade de toda a Criação, todas as suas divisões aparentes são mera ilusão de óptica.

80. A Quintessência é a origem dos novos



fenômenos, o sumidouro dos velhos e ao mesmo tempo um reservatório universal dos infinitos fenômenos potenciais. É como um vasto oceano, desprovido de qualquer fronteira ou extensão.

79. Tudo o que é, foi ou será, é feito dessas águas e nelas flutua. Seu fluxo é a própria realidade, como um rio com muitas correntes, ondulações, turbilhões e pontos calmos, mas no fim é tudo água, a mesma água.

80. Essa água flui e reflui por todas as coisas, especialmente as criaturas vivas e, dentre elas, especialmente os seres despertos.

81. Sendo essencialmente dinâmica, a Quintessência não pode ser verdadeiramente armazenada, mas na prática sempre nos referimos a ela como o fluxo associado a um ente específico, como um objeto, um ser vivo ou um espírito.

82. Assim, não é que a Esfera de Realidade seja uma esfera totalmente preenchida com algum tipo de substância exótica chamada quintessência, mas sim que ela é a própria Quintessência, em sua face visível.

As 4 Direções

83. A Quintessência pode ser acessada no fulgor de sua pureza somente no centro do mundo, por onde passa o Eixo do Mundo e a partir de onde

as Quatro Direções se estendem para conformar o mundo.

84. Iluminada pelo esplendor do Verbo, cada direção cria um dos Grandes Elementos Brilhantes, os quatro pontos de vista da realidade.

85. À sua frente, no Leste, o Habitante lança a luz de seu olhar, tomando o Mundo transparente e compreensível, e ali estabelece a Morada do Ar, para correrem os ventos velozes e as brisas refrescantes.

86. À sua mão direita, no Sul, empunha a força penetrante de sua Lança, estabelecendo a Morada do Fogo, para arderem as chamas ferozes e os fogos faiscantes.

87. Atrás de si, no Oeste, protege a pureza imaculada de sua Taça, e lá estabelece a Morada da Água, para habitarem os mares profundos e as límpidas águas correntes.

88. À sua mão esquerda, por fim, empunha seu escudo inexpugnável contra o Caos, estabelecendo firme a Morada da Terra, para habitarem as montanhas altaneiras e os vales férteis.

89. Os Quatro Elementos são os blocos metafísicos que compõem a realidade como padrões arquetípicos de existência e ação. Nenhuma descrição ou análise poderia lhes fazer jus, mas podem ser acessados e compreendidos na experiência direta.



"As Quatro Estações" (1897) - Alfons Maria Mucha

90. Diferenciam-se da quintessência e depois se reúnem em misturas para criar todas as coisas. De fato, elas são criadas justamente quando os elementos se combinam dentro de um padrão, e destruídas quando a entropia rompe e decompõe esse padrão, devolvendo os elementos aos seus reinos originários.

91. Cada elemento é uma grande divisão da realidade, um mundo, um reino. Todas as partes podem ser agrupadas segundo afinidade elemental, todos os todos podem ser vistos como compostos de quatro elementos.

92. Seu uso reiterado milenar acumulou imensos oceanos de energia, prontamente acessíveis à vontade humana e, por proximidade, propensos à manifestação física.

93. Os elementos nascem puros e perfeitos, como essências espirituais secretas escondidas no indizível nome do Céu. De lá, descem para constelar todas as virtudes, operações e forças que conceitualizam a realidade. De lá, descem uma segunda vez para modificar a Luz das Formas, criando reinos inteiros animados e habitados pelos chamados espíritos elementais, que despertam ou repousam de acordo com a Música.

94. Os elementais do Fogo são chamados salamandras, os da Água são as ondinas, do Ar são os silfos e da Terra são os gnomos, cada qual possuindo o temperamento puro de seu elemento e imaginado com as formas que lhe condizem.

95. Por fim, os elementos manifestam-se na Terra, simbolizados pelos estados ordinários da matéria que lhes emprestam nome, primeiro nos instruindo sobre suas virtudes e operações. Tais elementos

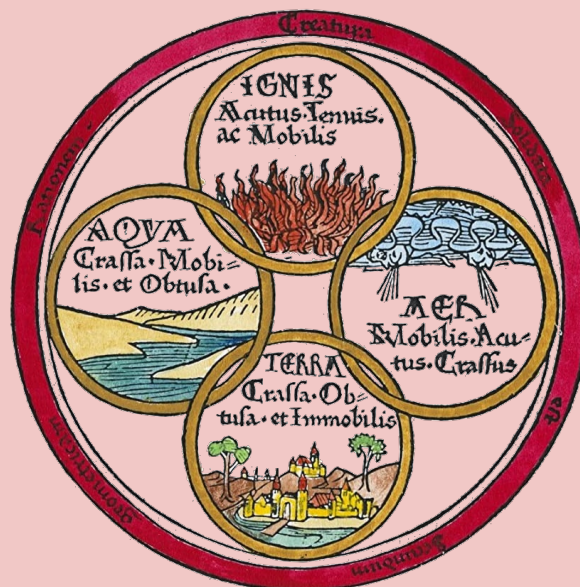


Figura 6.2 - Os Quatro Elementos

ordinários, contudo, são mistos, e transformam-se uns nos outros.

96. Assim, não se encontra os Elementos na Terra em sua forma pura, mas sempre em misturas, pois é necessária a presença concomitante dos quatro para que qualquer coisa se manifeste materialmente.

Os Radicais

97. Os Elementos são a combinação dois a dois de quatro poderes ou qualidades, surgidos do Uno a partir da quebra na simetria de um duplo par de opostos.

98. Para criar, o Poder Único se divide em um poder ativo, relativo ao movimento, e um passivo, relativo à forma.

99. Os radicais Calor e Frio surgem da quebra na simetria do poder ativo do Movimento, que pode ser centrífugo e separativo, ou centrípeto e unitivo.

100. Os radicais Umidade e Secura surgem da quebra na simetria do poder passivo da Forma, que pode ser flexível e permeável, ou rígida e resistente.

101. O Calor está no Fogo e no Ar, que são energéticos, leves, ativos, expansivos e ascendentes. Ele separa o dessemelhante e une o semelhante, purificando e diferenciando, de modo que só o essencial resiste. Ao dissociar os opostos, inicia os ciclos que os unem no tempo. Na mente, concede o poder de exteriorizar, discriminar e julgar.

102. O Frio está na Terra e na Água, que são lentos, densos, passivos, contrativos e descendentes. Ele espalha o semelhante e une o

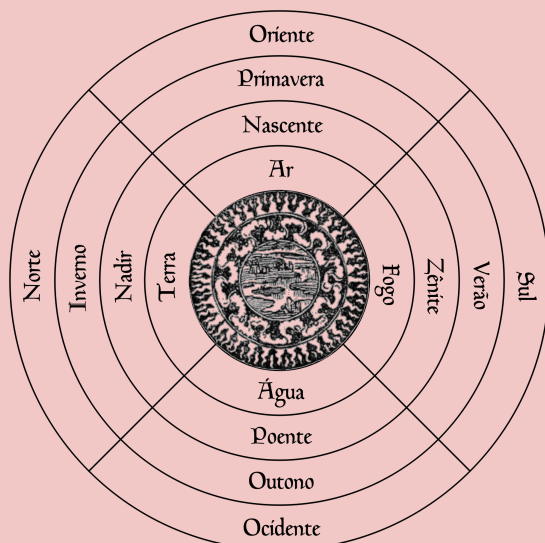
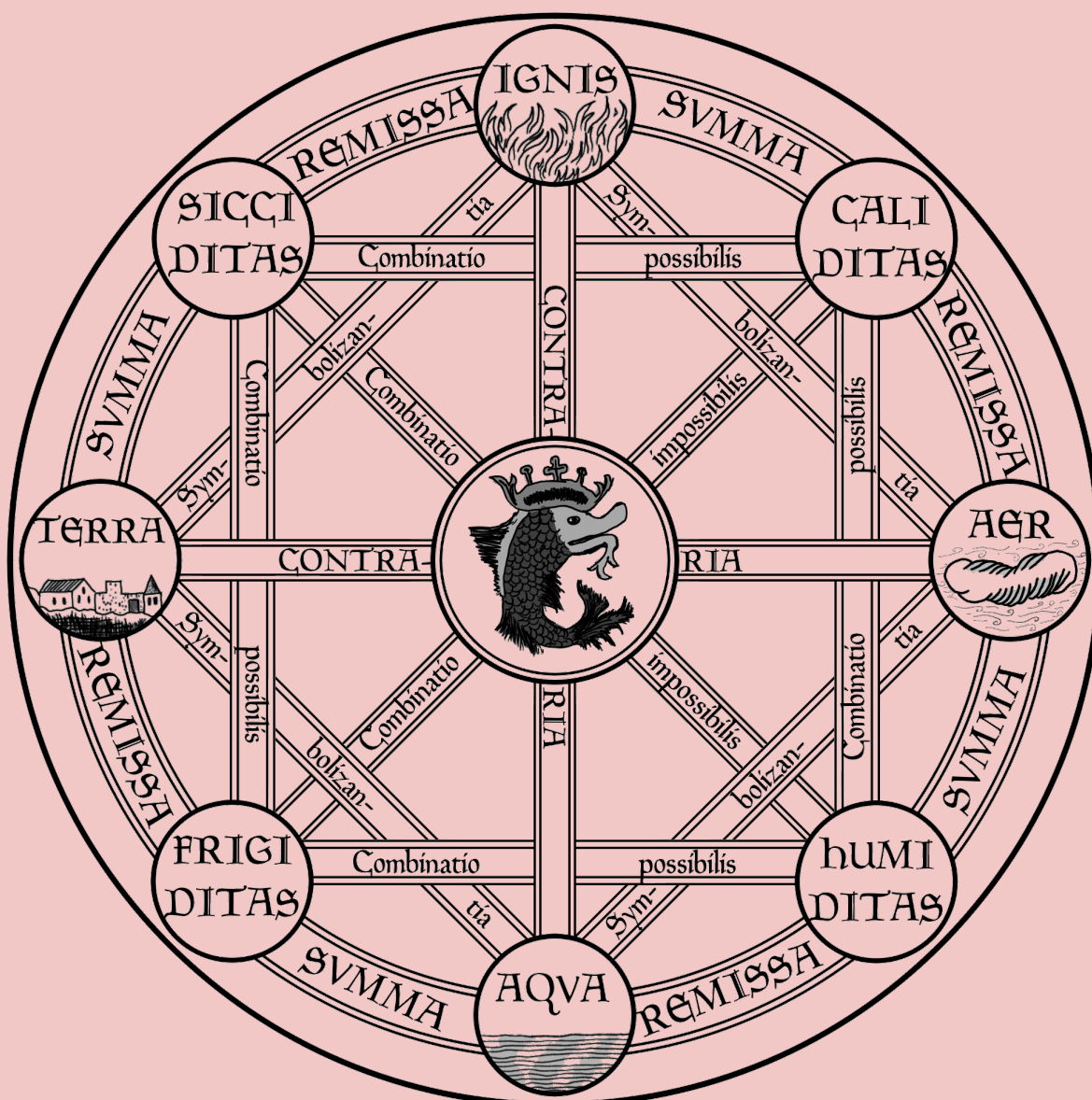


Figura 6.1 - As Quatro Direções



Os Cinco Grandes Elementos em Sphaera Mundi (1542) - Orantius Finicus

dessemelhante, misturando, combinando, relacionando e sintetizando. Na mente, concede o poder de interiorizar, amar, acolher e nutrir.

103. A Umidade está na Água e no Ar, que são horizontais, fluidos, transparentes, intermediários, mediadores e mistos. Ela abdica da autodeterminação e definição para se conformar ao ambiente, recebendo dele sua forma, sem resistir. Na mente, concede o poder de refletir, compreender e se adaptar.

104. A Secura está no Fogo e na Terra, que são verticais, inflexíveis, visíveis, extremos e puros. Ela fixa a forma e a estrutura de cada coisa nela própria, dando determinação e rigidez, transmitindo ao ambiente sua forma. Na mente, concede o poder de impor e moldar com propósito.

105. Aliados, o Calor e a Umidade são férteis e

fomentam o crescimento das coisas, já o Frio e a Secura são destrutivos e hostis à vida.

106. O Fogo é Quente e Seco, dominando nele o Calor; a Água é Fria e Úmida, dominando o Frio; o Ar, Quente e Úmido, dominando a Umidade; por fim a Terra, Fria e Seca, na qual domina a Secura. Em cada elemento um único poder domina.

107. O glifo alquímico dos elementos ativos é o triângulo ascendente, simples para o Fogo, e cruzado por uma barra horizontal para o Ar.

108. O glifo alquímico dos elementos passivos é o triângulo descendente, simples para a Água, e cruzado por uma barra horizontal para a Terra.

109. O símbolo táttwico do Fogo é o triângulo vermelho, da Água, a crescente de prata, do Ar, o círculo azul e, da Terra, o quadrado amarelo.



"Explosão no Laboratório do Alquimista" (sec. XVII) - Justus van Bentum

FOGO

110. No Fogo, o Calor expande e afirma a forma fixada pela Secura, unindo decisão assertiva com inflexibilidade, em uma imposição ativa de forma.

111. Dominante no Fogo, o Calor o torna predominantemente dinâmico, a causa eficiente da atividade no cosmos e na mente, nascendo como Intenção criadora que desce pelos mundos até a manifestação na matéria.

112. É através do Fogo que o Espírito se expressa e manifesta a determinação indômita de sua Vontade.

113. Os outros elementos, em contraste, recebem do Fogo seus movimentos e dependem dele como força motriz.

114. Fonte de luz e calor, é doador e mantenedor da vida, ainda que nele próprio nenhuma vida seja possível. É seu manifestador, mas hostil àquilo que manifesta.

115. Sua luz ordena o Caos, criando e renovando integralmente todas as coisas ao trazê-las para a intensidade do momento presente.

116. Por isso, o Fogo é sempre-jovem e inimigo da entropia e do tempo, sua existência fulgurante e ardente é um eterno e inebriante êxtase de criação e destruição.

117. O calor de sua chama feroz termaliza a fraqueza e a separa da essência, assim testa todas as coisas e as fortalece. Eis a arte do ferreiro e do alquimista.

118. O Fogo habita nos extremos: o mais profundo e íntimo Fogo Secreto no infinitésimo e o mais sublime e exaltado Fogo Envolvente no infinito. Ainda que sejam o mesmo ponto, o infinito e o centro são diametralmente opostos e se equilibram mutuamente.

119. Assim, a forma é seminal no ponto do Fogo Central, e se desdobra completamente no firmamento do Fogo Envolvente. Entre eles e por eles, todas as coisas são criadas e movidas.

120. O Fogo do Céu é um Fogo de Luz criador, o Fogo do Inferno é um Fogo de Calor destruidor.

121. O humano despertou na carne quando Prometeu trouxe-lhe o Fogo do Céu, roubado da Roda do Sol no nártex ardente e desperta no espírito quando passa novamente pelo Fogo. O Eu é uma centelha da essência das estrelas, seja ele animado pelos fogos da paixão animal ou pelo fogo da fortitude espiritual.

122. Potente e energético, o Fogo produz transmutação, purificação, jovialidade, começos, renovação, rapidez, fulgor, vitalidade, vigor, independência, espontaneidade, ardor, êxtase e imprevisibilidade.

123. Na mente, corresponde à volição sintética e à ação, tomando os que o cultivam enérgicos, assertivos, ardentes, entusiásticos, espontâneos, auto-suficientes, passionais e independentes.

124. Essas mesmas virtudes tornam-se os vícios do Fogo quando excedem em relação aos outros elementos e desconectam-se deles.



"Atalanta Figiens", emblema 29 (1617) - Michael Maier



"Ninfa da Água" (1890) - Hans Zatzka

125. No mundo, são muitos os fogos: a faísca iniciadora, o lampejo do raio, a agregadora fogueira, o fogo transmutador da digestão e do fomo alquímico, a lâmpada iluminadora, a tocha exploradora, o impulso do foguete, a destruição do incêndio e da explosão.

Água

126. Na Água, a Umidade mutável recebe as combinações do Frio em uma união cuja forma é flexível e flutua entre o imergir e o emergir.

127. Dominante na Água, o Frio a torna predominantemente unitiva, avessa ao superficial e buscadora do repouso no profundo.

128. É a Mãe, a matriz nutritiva que recebe o impulso criativo e lhe dá substância ao desacelerá-lo, e a união de ambos é um terceiro, cujo efeito manifestado é o quarto.

129. Reage a todas as coisas, e essas reações se sobrepõem numa impressão que é uma oscilação caótica entre a geração e a dissolução, cuja única constante é a mudança.

130. Essa potência dual são as águas doces e as salgadas que estavam misturadas na vastidão confusa e informe do Caos Primordial.

131. O útero concebe e aborta, o sal corrói e preserva, a água nutre e dissolve. Assim, ela ressoa com o estado de infinitas possibilidades que antecede o nascimento e o que sucede a morte, unindo-os no Mistério. Nelê, o Sábio vê que as Águas do Começo e as Águas do Fim são a mesma Água.

132. Ilimitada e imortal, na verdade não é a Água que habita entre o fim e o começo, mas aquilo que existe entre o começo e o fim é que flutua sobre a Água.

133. A Dissolução é uma perda passiva de estrutura e identidade, uma não-preservação e esquecimento que são a dádiva sombria das águas salgadas, as amargas Lágrimas da Deusa.

134. A geração e a memória são a dádiva das águas doces, a Água da Vida, o Leite da Imortalidade e da Memória, a matéria primordial que contém todos os padrões e é contida por eles antes de assumirem rigidez e forma.

135. A Água circula pela Árvore, cujas raízes

absorvem as Águas do Abísso e as transformam na Seiva da Vida, a qual sobe à copa e lá se transforma no Orvalho Ambrosíaco, que goteja como mel para alimentar as almas imortais.

136. Assim como Perséfone é filha de Deméter e Zeus, a Água une o subterrâneo à superfície em seu ciclo, a Terra e o Ar.

137. Unitiva, produz receptividade, acolhimento, gestação e concepção, nutrição, criação, recombinação, sustento, fluidez, sensibilidade, pureza, limpeza, cura e reação.

138. Na psique, o Frio conecta e a Umidade entende, correspondendo à percepção sintética das emoções, tomando os que a cultivam emotivos, acolhedores, empáticos, receptivos, intuitivos, responsivos, sensíveis e profundos.

139. Essas mesmas virtudes tornam-se os vícios da Água quando excedem em relação aos outros elementos e desconectam-se deles.

140. No mundo, são muitas as águas: as chuvas fertilizantes, as cachoeiras refrescantes, os rios que nutrem, o puro orvalho, os mares oscilantes, os vastos oceanos, os lagos, as geleiras, os venenos curadores, os pântanos que reciclam, os abismos profundos, as brumas que ocultam, as nuvens que trazem sombra e chuva.

AR

141. No Ar, a Umidade flexibiliza e entende a diferenciação ativa produzida pelo Calor, unindo discernimento com mobilidade, em uma mudança ativa de forma.

142. Compreendendo a separação, corresponde à análise versátil e à discriminação flexível, portanto a pensamento, raciocínio, intelecto, conhecimento e idéias.

143. Dominante no Ar, a Umidade o torna predominantemente móvel e conformável a quaisquer limites impostos.

144. O Ar é filho da polarização entre Fogo e Água, uma harmonia dual integrativa nascida da síntese, que os comunica e restaura seu equilíbrio.

145. Velozes são os passos e clara é a voz do mensageiro, cuja atribuição é ativamente transmitir e computar informação.

146. Por essa qualidade cibernética, o Fogo lhe confere poder para governar, conduzir e coordenar a Água e a Terra.

147. Como espírito ativo nelas soprado, transmite-

lhes as virtudes e influências do poder ígneo, permitindo a encarnação.

148. Capaz de apreender dualidade, torna possível comparar, analisar e raciocinar, pois o pensamento é um vento inquieto ávido por reequilibrar-se.

149. Seu poder analítico cria distinções entre as coisas, separando-as em indivíduos, e as une em uma ordem superior de unidade espiritual.

150. O Ar Celestial integra as partes entre si e com o todo em uma única respiração cósmica e sublime que a tudo permeia.

151. O Ar Terreno é separativo e fragmenta o todo em partes, dando-lhes individualidade e intelecto, mas erodindo e termalizando.

152. O Fogo não age diretamente no Barro Primordial, por serem opostos, mas o Calor do primeiro e a Umidade do segundo estão presentes no Ar, que faz-lhes a ponte.

153. Mediador, produz etereidade, abstração, intangibilidade, mobilidade, leveza, rapidez, equilíbrio, espalhamento, erosão, vorticidade, transparência, clareza e racionalidade.

154. Na psique, corresponde à vontade analítica da razão e à comunicação, tomando os que o cultivam comunicativos, sagazes, ágeis, racionais,



"Espírito da Noite" (1879) - John Atkinson Grimshaw



Título desconhecido, detalhe - Brian Froud

pensadores, inteligentes, abstratos, lógicos, de mente aberta e sem preconceitos.

155. Essas mesmas virtudes tornam-se os vícios do Ar quando excedem em relação aos outros elementos e desconectam-se deles.

156. São muitos os ares: as brisas refrescantes, os ventos das quatro direções, as impetuosas ventanias, o ar sutil montanhês e subterrâneo viciado, e os turbilhonantes furacões, tornados e torvelinhos.

TERRA

157. Na Terra, a Secura define e estabiliza as combinações realizadas pelo Frio, unindo mistura passiva com estrutura rígida, em uma imposição passiva de forma.

158. Dominante na Terra, a Secura a torna predominante fixa e inerte, em contraste à mobilidade dos outros elementos, que a animam.

159. Por isso, é o receptáculo da influência dos outros elementos, e o meio para sua manifestação e realização.

160. Ela é cristalização da energia, regendo as matérias físicas, as estruturas corpóreas por elas

compostas e o mundo concreto, bem como o corpo material dos seres e seu instinto.

161. É o estado mais denso da energia, cujos fortes vínculos eliminam a maioria dos graus de liberdade. Essa imobilidade a torna previsível e confiável o suficiente para ser nossa primeira professora.

162. Fixa no fundo, é o fundamento seguro e o aterramento do Ser, a concretização da síntese dos opostos que é o incomensurável Outro necessário à determinação mútua.

163. A Terra é amiga do Tempo, pois sua constância nada tem dele a temer, emulando a enternidade e vencendo todas as batalhas pela resiliência paciente.

164. Materializante por concentração, produz um acúmulo densificador que traz solidez, resistência, estabilidade, estrutura, contenção na forma e tangibilidade. Surge o mensurável e quantificável.

165. Sua massa tende ao equilíbrio estático estável. Não mudando por si, apresenta grande inércia e só se move lentamente. Sua fixidez se relaciona com a quietude, o ocultamento e a escuridão.

166. Na mente, corresponde à percepção analítica dos sentidos, fomentando praticidade, realismo, prudência, paciência, reponsabilidade, eficiência,

sensualidade e regeneração.

167. Essas mesmas virtudes tomam-se os vícios da Terra quando excedem em relação aos outros elementos e desconectam-se deles.

168. Em excesso, a Terra seca e esfria a mente, produzindo letargia, embotamento, teimosia, ignorância, materialismo, apego, grosseria, hedonismo, medo, estreiteza mental, abatimento, melancolia, fechamento, retração, frieza, opressão, repressão e supressão.

169. Ao derrotarem os Titãs, Zeus, Poseidon e Hades dividiram o mundo entre si: Poseidon rege o mar, Zeus o céu e Hades o mundo inferior, mas Terra foi mantida terreno soberano, comum a todos.

170. São muitas as terras do mundo: os áridos desertos, cavernas escuras e tesouros entranhados na profundidade, árduas e altaneiras montanhas, pedreiras e minas das mais puras gemas e cristais, planícies férteis, amplos prados e as florestas selvagens.

O CENTRO DO MUNDO

171. Em sua Jornada, o Herói viaja pelos Quatro Cantos do Mundo e, ao longo de sua passagem por cada um deles, desenvolve, purifica e equilibra em sua mente um dos Grandes Elementos.

172. Assim aperfeiçoados e integrados, cada elemento torna-se uma Faculdade Espiritual: o Herói transforma em Concentração as luzes sedutoras dos fenômenos sensoriais; transforma em Sabedoria os errantes ventos do pensamento; transforma em Fé as agitadas águas da emoção e, por fim, transforma em Energia os ardentes fogos da vontade.

173. O Fogo afere a realidade primariamente a partir da Vontade, e isso lhe traz Poder, levando energia à Terra, assertividade à Água e direção ao Ar.

174. A Água afere a realidade primariamente a

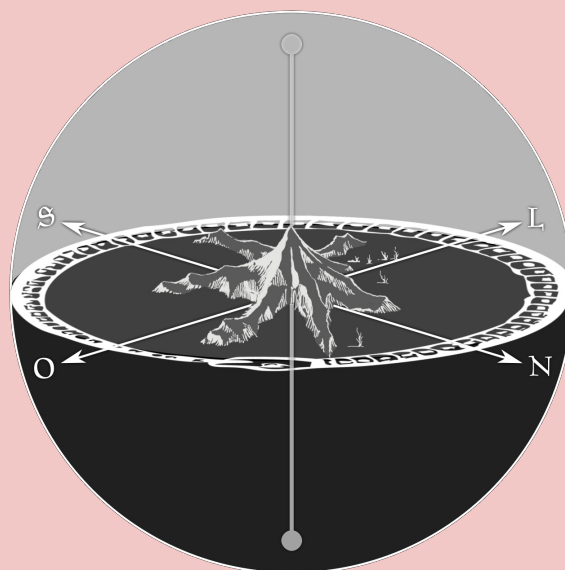


Figura 6.3 - As Quatro Direções na Esfera de Realidade.

partir da Emoção, e isso lhe traz Amor, levando sensibilidade ao Fogo, empatia ao Ar e aceitação à Terra.

175. O Ar afere a realidade primariamente a partir do Pensamento, e isso lhe traz Inteligência, levando ponderação ao Fogo, racionalidade à Água e flexibilidade à Terra.

176. A Terra afere a realidade primariamente a partir da Sensação, e isso lhe traz Prosperidade, levando paciência ao Fogo, estabilidade à Água e pragmatismo ao Ar.

177. Muitos comparam os Quatro Elementos às quatro rodas do Carro Celestial, que precisam estar presentes, perfeitamente alinhadas e serem da mesma exata dimensão para uma viagem suave, assim como é necessário um cocheiro presente e atento: o Quinto Elemento.

178. O primeiro eixo é o eixo sustentador das rodas da Sabedoria e da Fé e, o segundo, das rodas da Energia e da Concentração. Cada roda precisa ser aprimorada conjuntamente com as outras, em especial com a que lhe opõe no próprio eixo, pois ao excesso de uma geralmente acompanha a falta na outra.

Elemento	Animal	Planeta	Temperamento	Humor	Sígnos
Fogo	Leão	Marte	Colérico	Bile amarela	♂ ♀ ♂
Água	Águia	Vênus	Fleumático	Língua	♂ ♀ ♂
Ar	Homem	Júpiter	Sanguíneo	Sangue	♂ ♀ ♂
Terra	Touro	Saturno	Melancólico	Bile negra	♂ ♀ ♂

Tabela 6.3 - Exemplos de correspondências elementais.

179. No eixo úmido, se a Sabedoria excede sobre a Fé, a mente se isola em uma torre de abstrações arrogantes e, incapaz de deixar-se mover pela intuição e pelo sentir, corrompe-se por um intelectualismo estéril que prioriza a aquisição de conhecimento ao invés da experiência direta. Por vezes imersa em cinismo e malícia, a mente se envaidece por suas epifanias e, principalmente, pelos constructos teóricos que fabrica e coloca sobre elas, encaminhando-se para tornar-se espiritualmente opressora e megalomaniaca.

180. Em contrapartida, se a Fé excede sobre a Sabedoria, a mente mergulha em um fanatismo irracional, não conseguindo discernir o relevante nas misturas e corrompendo-se pela credulidade e a incoerência de comportamentos e ideias contraditórias. Envolta em uma bruma de viés sectário e cega pelo dogma, é incapaz de produzir interpretações justas e imparciais dos ensinamentos e da realidade em si, percorrendo uma trilha de ilusões e desilusões sequenciais, especialmente em relação a grupos e pessoas.

181. Quando a Sabedoria e a Fé se equilibram em justa proporção, surge um profundo interesse em investigar a realidade de coração aberto, enraizado na inconfundível humildade de alguém que abriu mão da necessidade de ter certezas, numa racionalidade muito além do mero pensamento dual.

182. No eixo seco, se a Energia excede sobre a Concentração, a mente é plenamente capaz de exercer esforço, mas, sem o necessário foco para direcioná-lo a qualquer objeto ou ação, torna-se volátil, impulsiva, impaciente, irritada e inquieta, propensa a saltar nas histórias que conta para si mesma e perder-se em seus devaneios.

183. Em contrapartida, se a Concentração excede sobre a Energia, a tensão continuada e extensiva exaure as capacidades da mente, que eventualmente começa a ceder e a se estreitar ao redor do objeto, tomando a realidade claustrofóbica. Apertada, cansada e letárgica, a mente adquire grande inércia e fica vulnerável à estagnação, cada vez mais resistente ao esforço e à mudança.

184. Quando Energia e Concentração se equilibram em justa proporção, há foco para direcionar a energia e há energia para sustentar o foco que, paradoxalmente exige cada vez menos esforço para manter-se e se expande de forma clara, espaçosa e intensamente atenta.

185. Os próprios eixos, por sua vez, equilibram um ao outro, pois sem a justiça e a compaixão do eixo úmido, o imenso poder de uma mente energizada e concentrada pelo eixo seco facilmente sairia de controle.

186. Quanto mais purificados, mais os elementos se

parecem uns com os outros, a ponto de, nas proximidades do quinto, não ser possível saber onde termina um e começa o outro. O Quinto, de fato, é a convergência dos Quatro.

A PRESENÇA

187. Somente estabilizada pelo Pentágulo da Concentração, discernindo com clareza todas as coisas pela lâmina afiada da Espada da Sabedoria, em plena aceitação de tudo pelas virtudes da Taça da Fé e vigorosamente atenta pelo poder do Bastão da Energia, é que a mente consegue suportar a intensidade do momento presente e habitar nele, vendo enfim a realidade como ela é.

188. Assim, quando Concentração, Sabedoria, Fé e Energia são concatenados e se estabelecem em mútuo equilíbrio no formato de uma cruz dourada, em seu centro desponta a quinta faculdade como uma bela rosa vermelha, a Presença.

189. De fato, a Presença é justamente esse duplo equilíbrio. Ao mesmo tempo em que é sua causa, emerge dele e implica acesso ao Eixo do Mundo que atravessa o Reino pelo centro.

190. A mente, até então confinada ao movimento horizontal nos quadrantes, agora ganha acesso, pela primeira vez, à verticalidade.



"Parsifal e o Santo Graal" (1904) - Seymour Chwast

192. O herói, tendo perscrutado os Quatro Quadrantes do Mundo-história e operado em si mesmo as suas respectivas transformações, finalmente encontra-se no Centro do Reino, sendo-lhe permitido descobrir a entrada para a Montanha Sagrada.

